

# CESTARIA GUARANI DO ESPÍRITO SANTO E A MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Claudia A. C. de Araujo Lorenzoni <sup>1</sup>  
Circe Mary Silva da Silva <sup>2</sup>

**RESUMO:** Por meio de seus artefatos, o povo Guarani transmite geração a geração saberes que constituem sua identidade cultural. Um dos desafios para a educação escolar indígena é integrar esses saberes à matemática escolar de forma a garantir a preservação da cultura local e uma formação mais global dos estudantes. O texto apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado em andamento sobre saberes matemáticos na prática de cestaria dos Guarani do Espírito Santo e suas potencialidades para a educação escolar indígena. A investigação segue uma perspectiva etnomatemática e discute conhecimentos guaranis a partir dos próprios informantes, sujeitos da pesquisa. Toma como ponto de partida os próprios conceitos e conhecimentos dos Guarani sobre o cesto, seu feitio, sua simbólica e discute as questões que envolvem comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, generalizar e inferir. A investigação pretende fornecer subsídios para o ensino de matemática nas escolas indígenas da região, num trabalho de parceria com os professores guaranis. O trabalho de campo, realizado numa metodologia etnográfica, vem se constituindo a partir de conversas e observações nas aldeias do estado a cerca de técnicas de confecção dos cestos, material empregado e motivos gráficos. O artigo descreve e discute os significados para os Guarani de motivos gráficos da cestaria local. Neles, identificam-se propriedades geométricas conjugadas a outros elementos da cultura.

**Palavras-chave:** Cestaria Guarani. Motivos gráficos. Etnomatemática.

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta resultados parciais da pesquisa de doutorado que vem se desenvolvendo em aldeias guaranis do Espírito Santo sobre cestaria numa perspectiva etnomatemática. Apresenta e discute motivos gráficos identificados nessa cestaria e seus significados para os Guarani. Além disso, descreve uma experiência de produção de material didático de matemática em parceria com educadores guaranis da região.

A proposta de aliar conhecimentos da cestaria guarani à matemática escolar vai ao encontro de um desafio que hoje se apresenta ao povo Guarani, qual seja, a elaboração de um currículo específico e diferenciado para suas escolas. O grupo Guarani que vive hoje no Espírito Santo chegou em meados da década de 1960 (CICCARONE, p.33),

---

<sup>1</sup> Doutoranda do PPGE/CE – UFES, e-mail: [araujoel@ig.com.br](mailto:araujoel@ig.com.br).

<sup>2</sup> Professora adjunta do PPGE/CE – UFES, e-mail: [cmdynnikov@gmail.com](mailto:cmdynnikov@gmail.com)

vindo do Sul do país e guiado pela líder Tatatxĩ Ywa Rete em busca da Terra sem Males.<sup>3</sup> Atualmente são cerca de 230 pessoas, distribuídas em três aldeias. A caminhada inspirada por cantos, rezas e sonhos de Tatatxĩ os trouxe para o município de Aracruz no norte do estado onde, desde então, lutam para garantir a concretização do que Tatatxĩ viu nos seus sonhos. Unidos aos Tupinikim, os Guarani vêm enfrentando desafios como a ação de multinacionais, o conseqüente empobrecimento da terra e lutam por uma educação de qualidade que atenda suas especificidades. A produção e a venda do artesanato fazem parte da luta diária desse povo e agregam novos conhecimentos à tradição cultural do estado, o que pode ser pensado, inclusive, no contexto da educação. Quais são os motivos gráficos desenhados nos cestos guaranis? Qual a importância deles na cultura Guarani? Que características eles possuem? Que relações podem ser estabelecidas entre os motivos gráficos guaranis e a matemática escolar?

No livro intitulado *Arãdu Porã Rape* (O caminho da sabedoria), escrito em Guarani e voltado para a matemática escolar, estão registrados modos guaranis de se orientar no tempo e no espaço, de contar, medir, reconhecer e classificar formas, inclusive no contexto da cestaria. Todavia, a sua utilização nas salas de aula guaranis parece ser tímida e aponta a necessidade de maiores reflexões de cunho pedagógico e matemático. Esta pesquisa pretende contribuir neste sentido, buscando junto com educadores guaranis a ampliação de possibilidades de inclusão de saberes locais na matemática escolar como meio de construção e preservação da identidade cultural Guarani.

A pesquisa fundamenta-se na idéia defendida por D'Ambrosio (2007) de que ao longo da história, indivíduos e povos têm criado e desenvolvido instrumentos materiais e intelectuais para explicar, entender, conhecer, aprender para saber e fazer segundo suas necessidades de sobrevivência e transcendência, ao que chamou etnomatemática.

É possível que conhecendo outras etnomatemáticas possamos nos aproximar de uma visão mais global da matemática. Ao escrever sobre a busca dos antropólogos por uma generalidade humana, Geertz (1989, p. 32) sugere que algumas das revelações mais instrutivas nesse sentido podem ser encontradas nas particularidades culturais dos povos. Pesquisar essas particularidades é, porém, um desafio. Numa etnografia interpretativa, proposta por Geertz, o pesquisador procura seu caminho em meio a

---

<sup>3</sup> A história de migrações e a busca pela Terra sem Males são algumas características que levam a considerá-los de parcialidade Mbya. O grupo se autodenomina *Nhandewa Tãbeope*. Sobre a caminhada até o Espírito Santo, ver também Tangerino, 1996.

estruturas superpostas de inferências e implicações. E sua análise consiste, portanto, em escolher entre as estruturas de significação e determinar sua base social e sua importância. O trabalho do etnógrafo implica no enfrentamento de uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas que ele, de algum modo, tem que primeiro apreender e depois apresentar. Assim, embora produzindo um trabalho que é, de certa forma, “algo construído”, “algo modelado”, ele deve compreender a cultura que investiga a ponto de expor a sua normalidade sem reduzir sua particularidade. As descrições de uma cultura devem ser baseadas na fórmula que se imagina que os membros dessa cultura usam para definir o que lhes acontece. Concordando com o autor, apresentamos neste artigo saberes que emergem da cestaria, não propriamente das suas técnicas de confecção, mas dos significados de seus elementos para a cultura Guarani, segundo os informantes. Foram relevantes para esse diálogo o fato de os Guarani serem bilíngües (com o português como segunda língua) e as aulas de idioma Guarani ministradas por um educador guarani, num projeto piloto realizado no primeiro semestre de 2008, pelo Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

## **2 Cestaria e saberes Guarani**

A cestaria é utilizada pelos Guarani para fins domésticos, rituais e comerciais. Os cestos (*adjaka*) que encontramos nas aldeias do Espírito Santo são confeccionados em fibras naturais, extraídas de plantas como o taquaruçu, o taquaruçu-mirim, a taquarinha ou o bambu. Os destinados para a venda possuem muitas cores, obtidas do tingimento das palhas com anilina, embora se conheçam técnicas de extração de tinta de rochas e da raiz, do caule ou das folhas de certas plantas, algumas escassas na região. A preferência dos artesãos parece ser pelo uso do cipó-imbé para o desenho dos motivos gráficos nos trançados. Com a falta do cipó na região, esta prática está restrita à ornamentação de pequenos objetos como a zarabatana, o pau-de-chuva e os arcos, feita com cipó-imbé conseguido com parentes guaranis de outros estados.



Foto 1 – Cestos (*adjaka*) guaranis com ornamentação em fibra tingida com anilina. Foto: Claudia Araujo Lorenzoni.



Foto 2 – Zarabatana em processo de confecção com ornamentação em cipó-imbé. Foto: Claudia Araujo Lorenzoni.

O conhecimento envolvido na prática da cestaria Guarani é passado de geração a geração. Desde a infância, os Guarani lidam com trançados. Usam palha para confeccionar brinquedos que imitam animais ou objetos utilizados pelos adultos. Por meio do artesanato e da cestaria, observando os mais velhos, os jovens guaranis aprendem a exercitar a paciência e a persistência. Embora o artesanato seja a principal fonte de renda para muitas famílias Guarani do ES, ele é também um meio, uma estratégia de preservação da identidade cultural e da história desse grupo tanto quanto a língua e a religião.

Segundo a cultura Guarani, o homem foi criado por Deus de um arco e a mulher foi criada de um cesto. Esses mitos revelam a estreita relação entre o artesanato e o modo de ser Guarani, que eles denominam *Nhadereko*. Semelhante a outras culturas ameríndias,<sup>4</sup> para os Guarani, a distinção de tarefas entre o homem e a mulher se exprime na oposição entre o arco e o cesto. O poder de proteção e caça do homem fica expresso na imagem do arco, enquanto a fragilidade feminina e a capacidade de seu útero de ser carregado e descarregado são expressos na imagem do cesto. Schaden (1962, p.83) chegou a afirmar que “a mulher Guarani sem sua cesta-de-carregar é semelhante a um soldado sem fuzil”. Embora atualmente o uso de cestos cargueiros esteja reduzido e não seja mais uma tarefa tão exclusiva das mulheres, a relação entre a

---

<sup>4</sup> Ver Ribeiro (1989, p.56), Clastres (1978, p.74-76) e Van Velthem (1998).

mulher e o cesto permanece na cultura dos Guarani do Espírito Santo, assumindo por vezes um caráter educativo-socializador. Ciccarone (2001, p.114-115) relata como **Tupã Kwaray**, ex-cacique e curandeiro na aldeia de Boa Esperança, usou a narrativa do mesmo mito para evocar o respeito mútuo e o amor solidário numa situação vivida na comunidade de tensões e brigas entre casais.

### 3 Motivos gráficos da cestaria Guarani

Da sua maneira de conhecer, os Guarani identificam formas que eles reproduzem em seus artefatos. Como destaca Macedo (2007, p. 68) de suas pesquisas junto aos Wayãpi da Guiana, os motivos gráficos, “além de expressões do belo, são meios de comunicação, de representação e de agência que ultrapassam a comunicação entre os homens, estendendo-se para todos os seres presentes no cosmos”.

Apresentamos dois dos motivos gráficos da cestaria Guarani identificados até agora na pesquisa. O destaque desses dois motivos se justifica por serem muito conhecidos nas aldeias, inclusive pelas crianças.<sup>5</sup>

#### *Ipara kora*

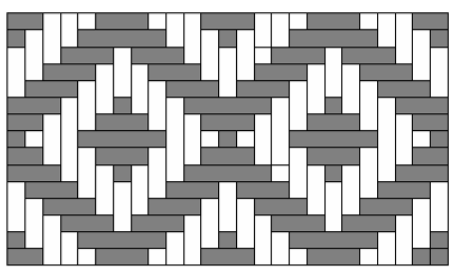


Ilustração 1 – *Ipara kora*.

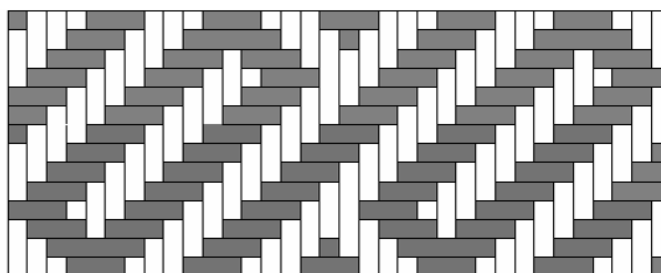


Ilustração 2 – *Ipara kora puku*.

Em Guarani, *Ipara kora*, significa figura cercada. Para indicar uma figura circular, diz-se *Ipara kora djere*. A existência de um termo específico para figura fechada na forma de círculo pode sugerir uma interpretação mais geral da forma *Ipara kora* como uma linha poligonal fechada. O que, entretanto, não parece unânime, pois alguns Guarani não consideram como *Ipara kora* o padrão da ilustração 2, formando figuras que lembram retângulos. Outros, como **Tupã Kwaray**, referem-se a este padrão como *Ipara*

---

<sup>5</sup> Ver também Lorenzoni, 2009.

*kora puku*, por sua característica de um *Ipara kora* “alongado”, “esticado” o que pode levar à interpretação do *ipara kora* na cestaria não só como uma linha poligonal fechada mas, de fato, como um losango.

Nogueira (2005, p.81) afirma sobre os Guarani de Paraty-mirim RJ que “a combinação de várias formas geométricas encontradas nas malhas do corpo das cobras é chamada de *Ypará Korá*”.<sup>6</sup> No Espírito Santo, os Guarani também reproduzem em cestos formas que identificam no couro de cobras. Tais representações, porém, podem ter formas e nomes diferentes do *Ipara kora*.

Para os Guarani do estado, o *Ipara kora* está associado ao desenho no corpo da cobra cascavel, considerada invencível entre as demais cobras. A bifurcação de padrões desse tipo pode simbolizar o mesmo animal. Na pintura corporal, o padrão tem um sentido de guerreiro, lutador. **Tupã Kwaray** conta que o cesto do qual foi criada a mulher estava sendo ornamentado por Deus com um *ipara kora*’i (pequeno *ipara kora*).

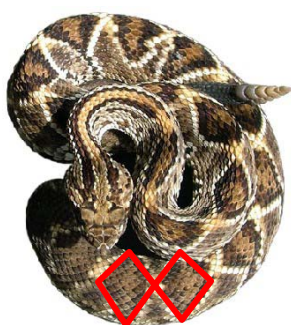


Foto 3 – Cascavel.<sup>7</sup>

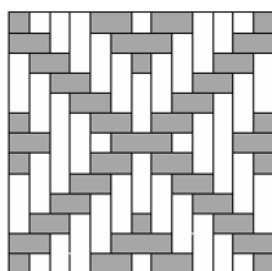


Ilustração 3 – Bifurcação de padrões *Ipara kora*.

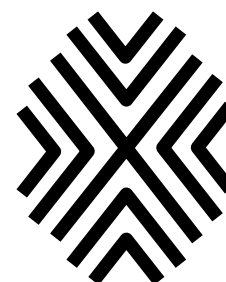


Ilustração 4 – Padrão de pintura corporal Guarani.

### *Ipara rytxy*

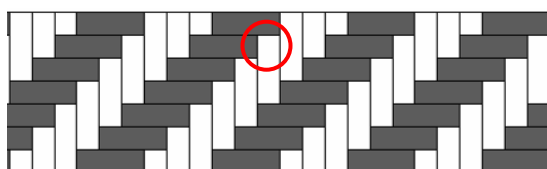


Ilustração 5 – *Ipara rytxy*.

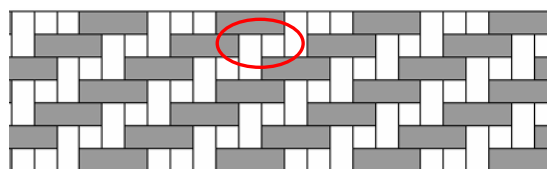


Ilustração 6 - Trançado para levantamento de lateral do cesto.

<sup>6</sup> Escrita Guarani adotada no Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.vivaterra.org.br/cascavel\\_25.2.jpg](http://www.vivaterra.org.br/cascavel_25.2.jpg)>. Acesso em: 19 agosto 2009.

Os Guarani usam a expressão *Ipara rytxy* na cestaria para identificar que as palhas (em cor na figura) estão dispostas segundo “escadinhas” ou filas. Um dos artesãos entrevistados apresentou uma diferenciação sutil entre o padrão *ipara rytxy* e a simples técnica de trançado para sustentação da lateral de um cesto. O *ipara rytxy*, nas palavras do artesão, “tem escadinha de um em um” (ver destaques nas ilustrações 5 e 6).

Segundo a narrativa do mito colhido por Silva (2001, p.227) entre os Kaingang, o padrão *ipara rytxy* foi o primeiro revelado por Deus a este povo. Apesar do contato com os Kaingang, os Guarani do Espírito Santo atribuem um valor mais religioso a uma variação do *ipara rytxy*, o *Ipara nhakãnina*, que reproduz o desenho do couro da cobra caninana. A cobra caninana é considerada para os Guarani o chicote do deus *Nhãderu* (nosso pai). Transcrevemos a seguir uma conversa sobre a caninana que tivemos com uma família de liderança da aldeia Piraquê-açu.

**Karai:** Ela é o chicote de Deus.

**Kunhã Poty** completou em tom de diversão: - “Ela gosta de dar chicotada”.

**Karai:** “Deus dá chicotada com ela. Quando ele está bravo, a gente vê aquelas coisas no céu [raios]. Pá! Ela é o chicote de Jesus”.

Perguntamos: - Mas ela não é sem veneno? Ela é brava?

Confirmaram entre risos: - “Ela não tem veneno, mas dá carreira”.

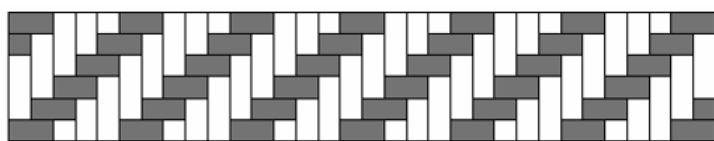


Ilustração 7 – *Ipara nhakãnina*.



Foto 4 – Cobra caninana.<sup>8</sup>

A principal característica do *Ipara nhakãnina* é o uso da fibra colorida (em posição horizontal na ilustração) sempre sobre outras duas (verticais). Em geral, este padrão também é usado no início da lateral de um cesto, por ajudar a fixar as fibras.

Para os Guarani, os motivos gráficos vão além da simples ornamentação da cestaria e de demais artefatos. Sobre os padrões zoomorfos, o cacique **Wera Kwaray**, da aldeia de

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br/imagens/caninana2.jpg>>. Acesso em: 19 agosto 2009.

Boa Esperança, afirmou que “os desenhos não são feitos porque foi vista a cobra”. Na sua narrativa, quando Deus criou o mundo, criou as pinturas, o artesanato e outras práticas, ensinando como cada povo faria uso delas. Assim, o povo Guarani traz seus desenhos “desde o princípio”.

Segundo Vidal (1992, p. 284), a interpretação dos grafismos deve levar em consideração o contexto sócio-cultural em que foram produzidos. Os significados culturais que eles expressam referem-se ao modo como os indivíduos são classificados na sociedade, à vida na sociedade e também como eles se relacionam entre si, com a natureza e o cosmo.

#### **4 Matemática e Educação Escolar Indígena**

No contexto escolar guarani, em geral a terminologia para as formas geométricas toma emprestado as denominações da língua portuguesa. Assim, utiliza-se a palavra em português “quadrado” embora exista o termo *Ipara kora*, que na cestaria tem forma quadrangular. Um dos grandes desafios de um currículo de matemática na educação escolar de um povo indígena é compatibilizar seus saberes com outros, em geral de origens ocidentais, de forma a contribuir igualmente para a revitalização da identidade cultural do povo e para o convívio com as demais culturas e a sociedade envolvente.

D’Ambrosio (1998) destaca a matemática como elemento central no processo de inserção no modelo econômico dominante, sobretudo pela necessidade que se impõe de se “dominar modos de produção e sua comercialização. Isso se manifesta em medições, quantificações, manejo de dinheiro, cálculos financeiros” (*idem*, p.12). Ressalta, entretanto, a importância das idéias matemáticas próprias de cada povo para a revitalização de sua identidade cultural.

No entanto, a recuperação da dignidade cultural dos povos indígenas exige estimular seu pensar abstrato, suas idéias matemáticas próprias. Em outros termos, recuperar seus modos, maneiras, técnicas de explicar, de conhecer, de lidar com seu ambiente natural, cultural, místico. Esse é o objetivo maior da Etnomatemática. (*ibid*, p.15)

A Proposta Pedagógica das Escolas Guarani do Espírito Santo tem como principal objetivo que a educação escolar permita construir uma condição de autossustentabilidade levando em consideração sua identidade cultural. A proposta é que, por meio da educação, o povo Guarani possa resgatar, preservar e divulgar sua cultura bem como dialogar com outras culturas e outras formas de conhecimento. Qual o papel da matemática nesse movimento? Que matemática pode auxiliá-los nessa empreitada? O conhecimento da cultura local e o diálogo com educadores indígenas tornam-se condições indispensáveis na busca dessas respostas.

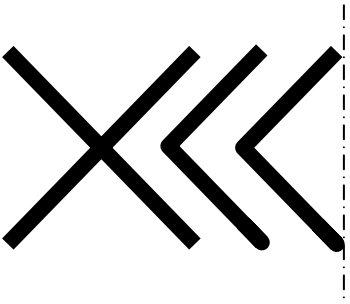
Em 1996 com o primeiro curso de formação de educadores Tupinikim e Guarani em parceria com o Instituto para o Desenvolvimento e a Educação de Adultos (IDEA), a Secretaria Municipal de Educação de Aracruz (SEMED), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o Centro Missionário Indigenista (CIMI) e a Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo (SEDU) estreitou-se a proximidade entre as culturas indígenas e não-indígenas no Espírito Santo visando a construção de uma educação de qualidade para ambos os povos indígenas. Desde então, cursos de formação inicial e continuada de educadores foram realizados constituindo-se numa experiência fecunda e que tem conduzido, entre outros, a discussões sobre um currículo específico e diferenciado para os Guarani.

A solicitação de uma assessoria na elaboração desse currículo guarani, partiu dos próprios educadores das aldeias e da iniciativa do setor indígena da SEMED/Aracruz. Já está em andamento esse processo. Aliando-se à pesquisa em andamento sobre a cestaria guarani, iniciamos um trabalho com esses educadores no sentido de elaborarmos, em parceria, uma proposta curricular.

Paralelamente à construção desta proposta e para dar mais sentido a ela, consideramos relevante iniciar a elaboração e testagem de atividades de conteúdos matemáticos junto aos educadores. Nas reuniões com esses educadores, metas e ações foram delineadas. Decidimos elaborar um texto conjunto bilíngüe, composto de atividades que contemplem conteúdos matemáticos no contexto cultural guarani.

Na tarde de 3 de agosto deste ano, na Escola Municipal Pluridocente Indígena (EMPI) de Boa Esperança, nos reunimos com cinco educadores guaranis atuantes nas escolas guaranis no Espírito Santo. Levamos para os educadores algumas propostas de

atividades para serem analisadas e complementadas com a tradução dos enunciados para a língua guarani. A intenção é que, gradativamente, eles próprios elaborem suas atividades. Os educadores foram receptivos à proposta e não só traduziram os textos solicitados, mas também sugeriram acréscimos pertinentes para as atividades. Exemplificando, apresentamos no quadro 1 uma ficha proposta para os educadores.

COMPLETE E FORME UM IPARA KORA DJO'A.

ENUNCIADO EM GUARANI:
INDICAÇÃO POR ANO:
OBJETIVOS:

Quadro 1: Ficha de atividade

A atividade foi completada da seguinte maneira:

Enunciado em guarani: ÊBOWAI IPARA KORA WA'E
Indicação por ano: 1º e 2º
Objetivos: Identificar a simetria; conhecer o desenho da pintura; completar o desenho da pintura; desenhar proporcionalmente.

Ao propormos tal atividade, visávamos aliar o conceito de simetria com um motivo gráfico da cestaria guarani, o *ipara kora djo'a*, um *ipara kora* “contornado”. Tínhamos a expectativa de que o desenho do eixo de simetria fosse um auxiliar na resolução da atividade levando ao desenho abaixo como resposta:

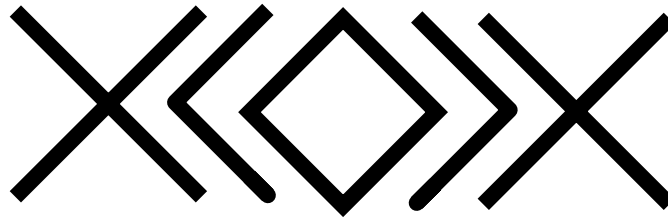


Ilustração 8 – Ipara kora djo'a.

Todavia, a princípio o eixo não foi considerado o que gerou mais de uma resposta para a atividade como mostram as figuras a seguir.

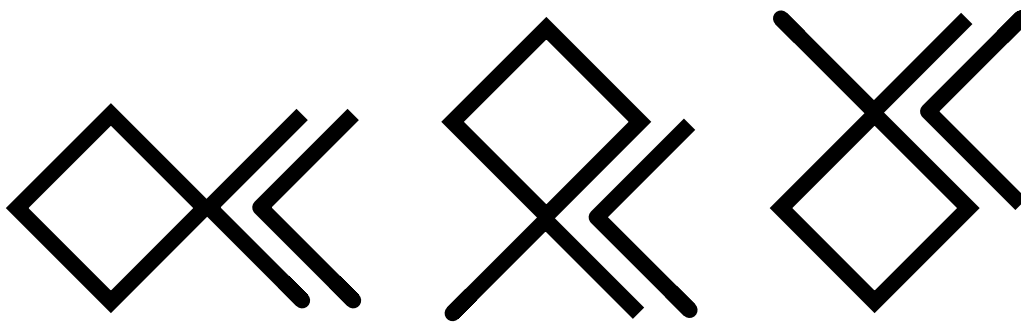


Ilustração 9 – Respostas possíveis.

A cogitação dessas respostas pelos educadores leva a algumas hipóteses: eles não conhecem um *ipara kora djo'a*; eles se fixaram apenas no desenho de um *ipara kora*; a característica *djo'a* não é relevante, eles não conhecem o conceito de eixo de simetria. Fora a primeira hipótese, que pode ser descartada com base nas informações obtidas no trabalho de campo, as demais são todas plausíveis e se sustentam no enunciado escrito em guarani pelos educadores (complete um *ipara kora*) e pela resposta correta que rapidamente se obteve, depois de esclarecido o papel da linha tracejada. De fato, o conceito escolar de simetria não foi o mais importante para que os educadores resolvessem a questão, mas sim o conhecimento tradicional da cestaria e demais artefatos da cultura guarani. Exemplarmente, vimos sobressair o conhecimento local sobre o global.

Em continuidade, estão previstos novos encontros para a elaboração conjunta de outras atividades matemáticas bilíngües, e também a realização de oficinas para a construção de material didático.

## 5 À guisa da conclusão

A pesquisa em andamento já permite algumas conclusões parciais que apontam a existência de uma etnomatemática guarani visualizada na cestaria desse povo e que pode ser inserida numa proposta curricular específica e diferenciada que atenda às demandas dos Guarani. Dessa forma, espera-se contribuir para um diálogo entre a matemática acadêmica e a etnomatemática guarani promovendo na educação escolar o exercício de maneiras variadas de pensar, além do respeito a culturas distintas.

## 6 Referências

- CICCARONE, Celeste. **Drama e sensibilidade**: migração, xamanismo e mulheres mbyá guarani. Programa de Estudos de Pós-graduação em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. Tese (Doutorado).
- CLASTRES, Pierre. O arco e o cesto. In: **A sociedade contra o Estado**: pesquisas de antropologia política. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p.71-89.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática** : elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed. 3ª reimp. Belo Horizonte : Autêntica, 2007.
- \_\_\_\_\_. Introdução. In: FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Madikauku** : Os dez dedos das mãos : matemática e povos indígenas no Brasil. Brasília : MEC, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LORENZONI, Cláudia A. C. de Araujo. “A história do cesto é assim”: Etnomatemática dos Guarani do Espírito Santo. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, 8., 2009, Unama, Belém, *Anais...* Belém : SBHMat, 2009. CD-ROM.
- MACEDO, Silvia Lopes da Silva. O belo expressivo: a comunicabilidade dos padrões gráficos ameríndios. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 62-72, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio>>. Acesso em: 01 outubro 2008.
- NOGUEIRA, José Francisco Sarmiento. **Etnodesign** : um estudo do grafismo das cestarias dos M'byá guarani de Paraty-Mirim. 2005. 133 f. Dissertação (Mestrado), PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

RIBEIRO, Berta G. **Arte indígena, linguagem visual**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1989.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

SEMED, Secretaria de Educação Municipal. Coordenação de Educação Escolar Indígena. **Proposta Pedagógica das Escolas Guarani do Espírito Santo**. Aracruz, [200?].

SILVA, Sérgio Baptista da. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang** : um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais. São Paulo : USP, 2001. (Tese de Doutorado).

TANGERINO, Celeste Ciccarone (org.). Comunidade indígena Guarani Tekoha Porã (ES). **Revelações sobre a terra**: a memória viva dos guarani. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1996.

TUPÃ KWARAY et al. **Arãdu Porã Rape**. Organização de Jackeline Rodrigues Mendes. MEC/FNDE, SEDU/ES : [200?].

VAN VELTHEM, Lucia Hussac. **A pele de Tuluperê**: Uma etnologia dos trançados Wayana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

VIDAL, Lux. (org.) **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel, 1992.